

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Cristo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 424

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

8.º ANNO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

PRINCIPIOS

Um assignante escreve-nos e diz nos:

«Mas Bebel não fez senão repetir o que você tem dicto. Coisa interessante: dir-se-hja que Bebel leu o artigo que você ha mais de dois annos publicou na *Arte e Vida*, tanto as idéas e as proprias palavras do discurso do chefe socialista allemão em Stuttgart se confundem com as idéas e as palavras d'esse artigo. Lembra-se? Foi um artigo, por signal, a que Emygdio Navarro deu as honras de transcrição em fundo das *Novidades*.»

Pois bem. Vejamos os trechos mais importantes d'esse artigo:

«Evidentemente o sentimento de patria, se considerarmos a patria uma collectividade egoista, ambiciosa, guerreira, sempre prompta a investir com os outros, a fazer matar milhares de homens, com todas as consequências horrosas que d'ahi resultam, por um bocadinho de terra, porque o seu embaixador não teve um lugar de preferencia na corte de tal, porque a toilette da sua embaixatriz, por mais estapafúrdia ou menos elegante, fez rir os cortezãos, ou para que um par de sapatos, umas ancas postizas ou uns dentes artificiaes paguem menos um vintém ou mais um vintém na alfandega, é um sentimento detestavel. Mas o sentimento de patria, como manifestação de carinho e ternura para a terra em que nascemos, onde se abriam os nossos olhos e a nossa intelligencia á luz e á verdade, onde nos brotaram as primeiras idéas e os primeiros affectos, é um dos sentimentos mais puros que podem existir no coração do homem.

Se a convenção, e o interesse dos exploradores, o falsificam ou deturpam, o dever é purifica-lo, não é rejeita-lo. Não se prega odio ás mães, porque a estupidéz, a ignorancia, o preconceito das mães envenenam physica e moralmente os creanças que procrearam e encaminham na vida, e porque as envenenam, e prejudicam com aleijões de toda a ordem, desde a primeira hora de gestação até á ultima hora da emancipação. Não se prega odio á patria, porque ella é apenas, afinal, a somma das idéas falsas de cada um dos seus filhos.

Se o burguez é estúpido, e brutal, com a sua concepção de patria guerreira, patria repugnante nos seus orgulhos de raça, nas suas luctas de interesses ferozes, inçada de bayonetas e de alfandegas, prompta a bater-se por meras glorias de bandeira, ou por hypotheticos interesses economicos, não é menos estúpido, nem brutal, o internacionalista quando proclama o desprezo da terra em que nasceu, a pretexto de que a sua patria é mais alta, abraçando o planeta ou o universo inteiro.

Como pôde o amor do universo inteiro impedir o amor d'uma particular d'esse mesmo universo?

N'esta epocha de vapor e d'electricidade, dizem elles, o patriotismo não tem mais razão de ser. Mas nem o vapor nem a electricidade me levam hoje, nem levarão jámais, com tanta facilidade de Coimbra á Patagonia e á Cochinchina como de Coimbra a Lisboa e ao Porto. O portuguez vivr-á sempre, naturalmente, de preferencia em Portugal, como o francez viverá sempre, naturalmente, de preferencia em França. Passar o portuguez a ter mais amor á Cochinchina, ou o francez a ter mais amor á Patagonia, de que a Portugal ou á França, ou a amar tanto, mesmo, a mais longinqua região do globo como o seu paiz, é uma allucinação hysterica, equivalente á da mãe dura que subordina o amor dos seus filhos a um orgulho estúpido, a uma vaidade irritante, ou á da irmã da caridade que deixa morrer o paé á mingua para, em nome de Deus, levar os seus carinhos e os seus auxilios ao longe, e aos extranhos.

Quando a propaganda anti-patriotica não fosse, em relação a certo povo, funestissima, seria, pelo menos, inteiramente inutil. Difficilmente chegará a adquirir, n'um momento dado, o mesmo grau de intensidade em toda a parte, e a produzir aqui e alli os mesmos effeitos. Na França poderá, por exemplo, enfraquecer, ou alluir inteiramente, o sentimento nacional, deixando-o forte

na Alemanha. N'esse caso, haveria para a França uma manifesta condição de inferioridade. E, n'um embate entre os dois povos, a França perderia tudo sem que os internacionalistas ganhassem coisa alguma. Mas supponhamos que os principios de justiça e de direito triumphavam ao mesmo tempo em todo o globo, até ao ponto de tornarem impossiveis os conflictos entre as nações. Qual seria o inconveniente dos allemães, dos francezes e dos portuguezes, amando a humanidade, amarem com particular affecto a Alemanha, a França e Portugal?

Isso, mesmo quando esse affecto não fosse um sentimento imperioso. Mas o homem ha de amar sempre de preferencia o conhecido ao desconhecido, o concreto ao abstracto, o simples ao composto, o proximo ao remoto. Sempre! Nunca se apagará do seu espirito as influencias do meio em que nasceu e se desenvolveu. Ama a familia antes de amar a humanidade, ama a patria pequena antes de amar a grande patria. Tira-lhe essa escala d'amores é esterilizar-lhe o coração.

Quando um sentimento é natural e imperioso, desvia-lo é secca-lo. Não se desvia, educa-se. Não se amesquinha, engrandece-se. Não se degrada, nobilita-se.

Para o amor patrio só ha uma restrição admissivel: que elle não prejudique os principios immutaveis, e sagrados, de justiça, de verdade, de direito e liberdade, innatos no coração do homem, comuns a toda a humanidade.

A idéa de patria não é uma ficção, é uma realidade. A alma franceza não é a alma ingleza, como a alma russa não é a alma italiana. Todas ellas podem atingir o mesmo fim de liberdade e perfeição. Mas cada uma tem o seu intimo, o seu processo, o seu modo de ser, revelado nas letras, na pintura, na escultura, na musica, nos usos, nos costumes, nas tradições, nas aspirações, no temperamento, em tudo, em tudo, até na terra que a alimenta e no sol que a illumina.

Para apagar essas diferenças, que são, aliás, os grandes estímulos do progresso, os grandes afluentes da poderosa corrente da civilização, seria preciso apagar os meios geographicos, destruir a propria natureza.

Par qualquer lado que se encare, a propaganda anti-patriotica é estúpida. Pretendem os internacionalistas que o patriotismo é um instrumento vil nas mãos dos padres, dos cortezãos, de certos argentarios, de varios militaristas, dos reaccionarios de todas as classes e de todos os matizes. Sem duvida. Mas eis ahi a falsificação do sentimento. Eis ahi a especulação. Esses são os anarchistas de facto. Seja dicto em abono dos anarchistas de doutrina.

Sem duvida, onde domina o elemento reaccionario domina a hypocrisia do sentimento patriótico. Haja vista na França de 1870. Haja vista a Russia actual. Porque o sentimento sincero de patria, mesmo quando encerrado em formulas grosseiras, importa abnegação e honestidade. Importa um ideal, mais ou menos perfeito, de justiça e de liberdade. E o ignobil politico de profissão, e o objecto syndicateiro, e o estúpido e brutal reaccionario de estola ou de farda, em lucta, est- com aspirações modernas, incompativel com um meio que o repelle, só é dominado pelo interesse material immediato, só vê a esportua, ou só obedece á sua subservencia innata de laçao.

O sentimento patriótico só pôde vibrar com enthusiasmo nos povos dominados por uma alta aspiração, ou nos meios livres e honestos. Vibrou na Alemanha e na Italia antes da sua unidade, vibrou intenso na França dos *sans-culottes*, e vibra intenso no Japão, exaltado pela idéa da libertação e hegemonia da raça amarella, como vibra intenso na democratica Suissa e na livre Inglaterra.

Eis os trechos principaes do artigo a que se refere o assignante. E da sua leitura se conclue: 1.º que não ha contradicção nenhuma entre o que escrevemos no domingo passado e o que escrevemos ha dois annos; 2.º que nem na fórma, nem no fundo, o que disse Bebel em Stuttgart tem grande similhaça com o que nós dissémos na *Arte e Vida*.

Agora, como ha dois annos, achamos excessivas e perigosas, as doutrinas de Hervé. Mas agora,

como ha dois annos, achamos errados, excessivos, perigosos, os preconceitos patrióticos.

Agora, como ha dois annos, achamos que se é mau abandonar a terra em que nascemos á cobiça ou á vingança dos extranhos, é tão mau ou peor ainda deformar um sentimento natural, convertendo-o em instrumento de especulações, de hypocrisias, d'odios, de desgraças.

Acha-nos alguma differença o assignante? Pois acha bem. Não está em erro. Ha differença, sim senhor, e nós lhe dizemos qual é.

Ha dois annos conheciamos já toda a hypocrisia, toda a torpeza, que se abriga na alma dos patrioteiros. Mas hoje conhecemo-la muito mais.

Ha dois annos sabiamos como officiaes do exercito, chefes politicos, toda a magna caterva dos dirigentes, de todas as côres, de todos os partidos, especulavam com a palavra patria, um simples palavra que não correspondia a nenhum sentimento elevado; um simples meio de encobrir a mandrice, o relaxamento, o abandono de todos os interesses publicos; um simples processo de continuar a manter o povo na miseria e na escravidão. Mas hoje sabemos-lo muito mais.

Ha dois annos ainda tinhamos alguma esperança n'uma mudança de processos, ao menos quanto ao chamado partido republicano, em virtude da qual se viesse a trabalhar a sério na reconstituição da patria sobre uma certa base de trabalho, de moralidade, de verdade, de justiça. Hoje não temos a tal respeito esperança nenhuma. Portanto, amaciou-se aquella rudeza com que, na exaltação das nossas convicções e das nossas esperanças, ha dois annos tratavamos Hervé. A rudeza com que tratamos os homens raramente é filha—sempre o temos dicto e cem vezes os factos o tem provado—do mal que directamente nos fazem os homens. Sempre ou quasi sempre é filha do embate das nossas convicções profundas com os erros, as hypocrisias, a desastrada ou propositada conducta d'esses homens em sentido opposto, ou que julgamos opposto, a essas convicções.

Ha dois annos viamos bem quanto era justa, no fundo, a propaganda de Hervé. Mas crente em que o meio de chegar ao fim, isto é, de estabelecer a solidariedade entre os homens, era bem differente d'aquelle que preconizava o famoso agitador francez, repelliamos rudemente o seu processo. Hoje estamos convencido, como então, de que a marcha do progresso é mais lenta do que desejamos e mais bem intencionados. De que é preciso ter em conta as difficuldades do meio, as contingencias da occasião. Mas tambem estamos convencido de que é inutil confiar nas classes dominadoras para a emancipação do povo, e de que essa emancipação ou será obra do proprio povo, e obtida por elle violentamente, ou nunca passará de uma mentira.

O militarismo é uma grande chaga, chaga horrorosa na humanidade. E' um instrumento eterno da mais feroz reacção. E' um pavor. Para o avaliar com toda a profundeza é preciso viver nos quartéis trinta annos, como nós vivemos, e saber ver, observar, sentir

Ha poucos mezes a *Lucta* empregava tres columnas a publicar a conferencia d'um official da armada sobre a bandeira e o respeito devido á bandeira! Que vontade de rir! E, juntamente, que indignação!

A bandeira! A bandeira! O soldado a amar a bandeira! O soldado a compreender a bandeira! Com os esforços que elles fazem todos, monarchicos e republicanos, para educar o povo, do qual sahe o soldado que ha de amar e compreender a bandeira! Com os exemplos que os officiaes dão dentro dos quartéis a esses soldados, com o carinho que tem por elles, com o zelo que tem por elles, com a justiça com que os tratam, a esses soldados que hão de compreender e amar a bandeira! Com a sinceridade, a dedicação, o trabalho, a honrada abnegação com que officiaes da millicia e do civil, dirigentes da tropa e da paizanada, de todas as côres, de todos os partidos, procuram tornar esta patria a grandiosa, a sagrada coisa, que essa coisa que querem apontar como grandiosa, como sagrada, a bandeira, ha de grandiosamente, sagradamente representar! O panno symbolico, que elles todos, os taes patrões da milicia, os taes patrões da paizanada, os taes patrões das quadrilhas politicas de todas as côres enchem de nodos a toda a hora, que convertem n'uma rodilha, n'um verdadeiro trapo, é que querem que o soldado comprehenda e ame pelo simples facto de falarem ao rustico deante do emporcaldado symbolo em Aljubarrota e na Praia do Restello, de o obrigarem a perfilar-se ou a apresentar-lhe armas quando o symbolo passa, ou de forçarem a musica a tocar o hymno da carta quando o panno, qual outra hostia consagrada, apparece á luz do dia sahido do sacrario! Que vontade de rir! Ao mesmo tempo, que indignação!

Ah, Hervé no fundo tem razão. *Vous êtes tous empoisonnés de patriotisme*, dizia elle no congresso de Stuttgart. Tem razão. Em Portugal quem faz a verdadeira dictadura não é João Franco, é, ás ordens de terceira pessoa, o ministro Vasconcellos Porto. A verdadeira, e a odiosa, e a perigosa dictadura. Dissemo-lo aqui logo no principio. Estamos fartos de o dizer. A todos, em geral. Aos irmãos das varias confrarias republicanas, em especial.

João Franco manda em todos os ministros, menos no ministro da guerra. Ao contrario, é esse que manda, ás ordens de terceira pessoa, em João Franco, se é necessario. João Franco tem tido a velleidade de acabar com varias irregularidades, com differentes illegalidades. Nas do ministerio da guerra não toca, nem tocará. Nem elle, nem ninguem. Nem monarchicos, nem republicanos. E assim assistimos ao espectáculo monstruoso de passar incolume, indiscutida, acatada, quasi venerada, a mais odiosa obra de reacção que se tem feito em Portugal.

Porque? Porque o militarismo é o mais genuino representante do patriotismo. Porque sendo o patriotismo uma verdadeira religião, com os seus dogmas, os seus mysterios, os seus santos, os seus martyres, as suas reliquias, o militarismo participa do caracter sagrado que abrange toda a religião. E d'essa fórma assim como, no dizer do sr. Brito Camacho e de todos

os coryphens republicanos, é anti-politico, é perigoso, verberar perante o povo o dogma da immaculada Conceição ou o mysterio da Santissima Trindade, assim como é anti-politico, é perigoso, combater a classe clerical como instrumento de reacção, assim é anti-politico, assim é perigoso mostrar ao publico as nodos da bandeira, dizer-lhe como os mesmos que a consideram sagrada a converteram n'um farrapo, ou combater, tambem como perigosissimo instrumento de reacção, a classe militar, principalmente depois de Vasconcellos Porto—tanto o exercito é liberal!—ter dado ordem para que as musicas que toquem nos passeios finalisem sempre pelo hymno da carta constitucional.

Espantoso! Unico! Espantoso de tração! Unico d'imbecillidade! As duas grandes chagas da humanidade, as maiores forças de reacção, a igreja e o exercito, são exactamente as forças mais respeitadas, quasi veneradas, pelos que se dizem republicanos em Portugal!

Pois Hervé não tem razão? Tem. Pois não haviamos nós d'amaciar perante a razão incontestavel que, no fundo, encerra a propaganda d'esse homem? Ha exaggeros, ha pontos de vista falsos nos processos do agitador francez. Mas basta o serviço de deitar abaixo uma religião, de destruir dogmas perigosissimos, para que esse homem bem mereça da consideração de quanto admiram a razão e rendem homenagem á verdade.

Quando mais não fosse, esse homem não é um calcinhas, não é um bandido da laia Affonso Costa. Não tem atrás de si heranças Esteves Ribeiro, tramoias como as da Companhia dos Phosphoros, nem desmoralisa as multidões com beija-mão como o calcinhas da Travessa do Pinheiro. Não adula o povo para ter faceis popularidades. Pelo contrario, arrosta o preconceito, affronta a popularidade, o que é sempre nobre quando um homem se sente possuido da verdade. Por isso outra vez dizemos: bem vindos sejam aquellos que, no meio dos seus exaggeros ou desvarios, tenham a grande virtude de afirmar e defender resolutamente os grandes principios de liberdade, de egualdade, de solidariedade.

Puxam demasiadamente para deante, com riscos de quebrarem o equilibrio no sentido da liberdade? Pois é uma compensação, já que até agora, seculos e seculos, se tem puxado demasiadamente para traz e se tem quebrado o equilibrio em favor da reacção.

Se não pôde haver equilibrio, mal por mal antes a deslocação se faça para deante que para traz.

Ocupação da Lunda

O governo communicou á imprensa o seguinte telegramma:

Loanda, 19.—Ultrammar (Lisboa).—Penetração Lunda está proseguindo avançando do Cuangula para rio Cuilo uns 220 kilometros leste Cuango paralelo 8 e 10 minutos. Força encaregada esse serviço foi atacada dia 8 no caminho, gentio repellido depois 9 horas fogo, tivemos 13 soldados feridos. (a) Governador.

RELIGIÃO

A. Aulard, illustre professor da Sorbonne e autor d'obras notáveis sobre a revolução franceza, publicava ha dias um artigo interessante, sob o titulo *a egreja e a pena de morte* no jornal francez *La Dépêche*.

Apezar de livre pensador, de radical em politica e em religião, Aulard, como avisado e erudito, não só não desdenha a leitura dos jornaes reaccionarios, como a faz attentamente. Confessa, até, que é assignante d'um d'elles — *L'Univers* — o jornal catholico por excellenciar, a gazeta classica do tradicionalismo.

Ora *L'Univers* acaba de fazer uma especie d'inquerito sobre opiniões relativas á pena de morte. E d'esse inquerito conclue se que os partidarios do Divino são fervorosos admiradores da guilhotina.

E' interessante, entre outras, mesmo muito interessante, a opinião do abbade Valadier, que foi capellão da Grande-Roquette, e que, portanto, no exercicio das suas funções, assistiu de bem perto á execução de numerosos condemnados.

«Podeis assegurar, disse elle ao redactor do *Univers*, que não só sou em theoria resolutivo partidario da pena de morte, a despeito de todas as tolices sentimentaes dos abolicionistas, como o sou praticamente, pois não admitto o direito de commutação, principalmente no caso do veredictum ter sido dado por unanimidade.»

O abbade prefere a guilhotina á grilheta. A grilheta não é expiação sufficiente e, alem d'isso, não constitue o seu supremo desideratum, que é a libertação.

«Ah! rehabilitar o culpado perante a sua propria consciencia, leva-lo a apagar o seu crime com a acceitação generosa d'uma espantosa expiação, tal foi, durante mais de nove annos, o fim e a consolação do meu ministerio na Grande-Roquette. Chegava a esse resultado por exhortações affectuosas, um pouco mais oportunas, creio, que as divagações theoricas dos humanitarios...»

A um condemnado á morte, o *terno* capellão, como escreve Aulard, dizia:

«Se eu fosse chefe d'Estado é provavel que, cedendo ás vossas supplicas, assignasse a vossa commutação. Mas se, depositando em mim confiança absoluta, me fizestes arbitro do vosso destino, então dir-vos-hia: «Vamos, meu pobre filho, tende coragem. Arrostaes um mau momento. E por elle conseguireis a salvação eterna.» A minha eloquencia calou no animo do condemnado. Agradeceu-me com effusão a minha franqueza e morreu, poucos dias depois, na mais sincera contricção.»

Timidamente, o reporter do *Univers* objectou: «Ha, no entanto, um argumento de peso enorme contra a pena de morte: é a falibilidade da justiça humana.»

Valadier olhou o ingenuo com, diz o ingenuo, «um olhar muito terno em que brilhava uma luz profunda» e respondeu que esse argumento para elle não tinha valor nenhum.

«Aperfeiçoemos tanto quanto possivel as coisas humanas, aliás sempre imperfeitas. Mas depois de tentarmos essa perfeição, sirvâmonos d'ellas deliberadamente como se fossem perfeitas. Quanto a mim, a objecção não abala em nada a minha convicção. Bem sei que a justiça humana é não só fallivel como corrupta, o que é mais horroroso. Como poderia eu esquecê-lo, eu que sou ministro do Inocente dos innocentes, condemnado e executado pela mais odiosa injustiça? Pois bem, meu caro amigo, lastimo os juizes quando se enganam, mas não lastimo as victimas: invejo-as. Os erros judicarios, irreparaveis fóra da fé, são eternamente reparados por nós, christãos, que sabemos que a morte não é mais que a passagem pa-

ra a vida e que ha lá em cima um juiz que nunca se engana.»

Aulard não commenta devidamente as palavras do masmarro. Limita-se a perguntar se não é encantadora e original a alegria com que o padre de Jesus encara a crucificação de Jesus, e se não é estranho que a Egreja rejubile com a morte e o assassinato. Mas aqui ha uma lição mais profunda. E' a grande lição da renuncia, do abandono da vida, que é a condemnação formal de todas as religiões. Para todas ellas o bem está no céu. Para todas ellas a grande felicidade é a felicidade d'alem tumulo. Para todas ellas o soffrimento do mundo é passageiro, e quanto mais se soffre n'esta vida maior recompensa se terá no outro. Portanto, não só justificação como alegre sujeição a todas as injustiças e a todas as tyrannias. A tyrannia, a injustiça, a perseguição, a miseria soffrem-se com humildade. Agradecem-se. Beijam-se as mãos do tyranno, do expoliador, do iniquo. Não se soffrem só com humildade, não se agradecem simplesmente: desejam-se com ancia.

Tens sede de justiça? No céu serás saciado. Tens fome? No céu ficarás farto.

Que importa que um desgraçado suba á guilhotina por um erro judiciario? O padre Valadier, o capellão da Roquette, aquelle que em nome de Deus recebia as almas para as entregar a Deus, não las timava as victimas. Não. Invejavam-as. Pois porque lastima-las, pois para que lastima-las, se ellas iam gosar a bemaventurança eterna? Porquê, para quê, se por um momento horrivel tinham uma eternidade de gosos?

Não, Aulard não commentou devidamente as palavras do expoliador da Roquette, não tirou d'ellas a preciosa lição que ellas encerram.

Das palavras d'esse homem resultou mais uma vez todo o caracter anti-social das religiões em geral e do catholicismo em especial. As religiões são, não pôdem deixar de ser, anti sociaes, anti-humanas, desde que fiam do céu a solução dos grandes problemas da vida. São tyrannicas, não podem deixar de o ser, desde que a perseguição, o mal, a tyrannia não fazem senão pôr á prova o peccador, depurando-o, engrandecendo-o, dando-lhe maior jus ao galardão eterno. Tanto mais anti-sociaes, tanto mais anti-humanas, tanto mais tyrannicas, tanto mais monstruosas, tanto mais absurdas quanto é certo não ser só o justo, o perseguido, o desgraçado, afinal, que aleança a bemaventurança, mas também o tyrannico, o iniquo, o expoliador, o mau, o perverso. Já seriam condemnaveis as religiões entregando ao céu a recompensa dos soffrimentos da vida. Já seriam intoleraveis animando o justo a soffrer tudo na esperança d'uma justiça illusoria. Mas recompensando maus e bons, dando premios ao bom e ao mau, ao tyranno e ao tyrannizado, passam de intoleraveis a ser monstruosas.

Que differença havia, para o padre Valladier, entre a victima do erro judiciario e o grande criminoso que morria *contricto*, acceitando a sua eloquencia? Nenhuma! Pois não iam elles ambos gosar a bemaventurança?

Para que são as confissões, as communhões, as facéis indulgencias, as facilimas penitencias? Para quê, senão para liquidar responsabilidades, para abrir a porta do céu ao peccador? O justo, a victima, o martyr, nem sequer tem a compensação de entrar sózinho no reino do céu. De cambalhada com elle entra o tyranno, entra o algoz, a não ser que este não tivesse dinheiro ou paciencia para reunir os crimes a peso de indulgencias, de resas ou de penitencias.

Mas... silencio! Quem diz isto é um *desorientado*. Não se diga isto ao povo, como aconselha alli Brito Camacho e os homens da orientação e do senso republicano. Silencio. A republica precisa dos padres e da ignorancia popular para triumphar.

Silencio, em nome da *sã*, da elevada, da verdadeira politica republicana!

Cartas de Lisboa

20 DE SETEMBRO.

Pergunta me um amigo da provincia: «Porque guardou o mais absoluto silencio em volta da morte de Dias Ferreira?» Porque? Bem facil era de perceber. O meu silencio era uma condemnação. O meu silencio dizia tudo. Não posso falar sem dizer o que sinto, é esse o meu dever, que pouquissimas vezes terei atraído e que estou resolvido a atrair coar cada vez menos.

Eu não tinha intimidade nenhuma com Dias Ferreira. Absolutamente nenhuma. Mas conhecia-o, falava com elle d'annos a annos, se por me ro acaso o encontrava, e devia lhe uma grande deferencia. Um dia fui preso e mettido no Castello de S. Jorge. Conspirava se a favor da Republica. A minha casa, embora eu estivesse fóra da conspiração, porque não queria entrar n'ella, e embora eu tivesse sido accusado, como sempre, de vendido, de traidor, de todas essas coisas ridiculas—porque já não passam d'isso—dos bandoleiros republicanos, era frequentada por Bazilio Telles, Duarte Leite, João Chagas e outros. O patrão mór sabia-o. E, tendo já procurado inutilisar-me pelo 31 de janeiro, procurei inutilisar-me uma segunda vez. Portanto, fui preso, a pretexto d'um caso insignificante de quartel, em que toda a razão estava do meu lado, como então se provou e como melhor se ha de provar quando chegar a occasião de eu contar variadas e interessantes peripecias da minha vida. Fui preso, encerrado no Castello de S. Jorge e processado. Julgo inutil dizer que os republicanos, como sempre, e aliás como fazem a toda a gente, porque a decantada *fraternidade* dos amiguinhos nunca se manifestou senão á dentada e ao coice, me abandonaram completamente. Excepção feita de Alves Correia, que me queria pagar, e pagou, um grande favor que me devia, de fundendo-me por isso calorosamente no *Paiz*, e excepção feita de Joaquim de Madureira, que sempre me appareceu solícito em todas as horas amargas da minha vida. Este, alem de me defender na *Marselheza* com o mesmo calor com que Alves Correia me defendia no *Paiz*, deu-me outras provas de assignalada sympathia. E tirando esses dois, não recebi dos outros, e esses mesmos muito poucos, — sem falar em individuos que sendo contudo republicanos, mas sem gradação no partido, só me davam provas de estima por velha amizade pessoal—não recebi dos outros, digo, e esses mesmos muito poucos, outra vez o digo também, senão palavras banaes de banalissimo cumprimento. Ora n'essa difficil conjunctura um homem se prestou a defender-me. Esse homem era Dias Ferreira. E era alguém. Um grande advogado, na opinião geral, chefe politico em evidencia, de grande cotação em varios meios, ainda pouco tempo antes presidente do conselho. Que não he sitava, apezar d'isso, em tomar a de fesa d'um *demagogo*, sobre cuja cabeça se accumulavam os odios assanhados d'uma feroz reacção. Porque o era. Porque o é! Desde 1891 que só ha um proposito da parte do poder, n'este *paiz*. Defender o throno, atravez de tudo. Morra tudo. Não venha a restar nada. S'ja embora um naufragio completo. Mas prolongue-se o mais possivel a vida do regimen. Ainda que com o regimen se venha, por fim, a afundar o *paiz*.

Devo a Dias Ferreira essa grande deferencia. Bem sei que o publico nada tem com os favores que eu devo. A minha missão perante o publico é bem differente. E' criticar com desassombro, com verdade, com justiça. E' depôr a penna, ou assumir, intemerato, a responsabilidade de publicista. Um publicista é como um juiz. Mais do que um juiz, porque é maior e mais decisivo o alcance da sua penna. O juiz não julga para favorecer ou para prejudicar. Julga para moralisar. Não tem deante de si um réo. Tem deante de si uma sociedade. E é a sociedade que, deante do réo, lhe fecha os olhos do rançor ou da amizade.

Muito mais social que o papel do juiz é o papel do homem que escreve nos jornaes. Mas, se não posso fugir ao meu dever, quando o dever se impõe, posso deixar de o provar quando as circunstancias me não forcem a cumprilo. Ha differença entre ser partidario do Papa e entre ser mais papista que o Papa. Não vejo que impendesse sobre mim o dever imperioso de julgar depois da morte o sr. Dias Ferreira. Demais a mais sendo o meu silencio, só por si, tão significativo.

Que quer o amigo da provincia que eu lhe diga? O amigo, que me lê ha muitos annos, sabe tudo. O amigo, estou a vê-lo, e compreendo isso muito bem, não quer saber o que vou dizer, porque o que eu vou dizer já o sabe. O que quer saber, o que queria saber era o motivo porque eu me calei. Não o surprehendia nada do que eu dissesse. Surprehen-deu-o muito o eu não dizer coisa nenhuma. Advinhava-me as palavras. Não foi capaz de me advinhar o silencio.

O que quer que eu diga, amigo, que eu não tenha dicto tantas vezes? Sabe muito bem que tenho uma singular concepção dos homens e das sociedades. Eu não considero um homem quem escreve nos jornaes grande jornalista só porque elle escreve com eloquencia, com logica e com estylo. Eu não considero grande orador o homem que fala na tribuna ou em qualquer parte só porque lhe sahem da bocca lindas flôres de rhetorica. Eu não considero grande advogado o homem que se distingue pela arte de fazer enredos ou de desfazer enredos no exercicio da advocacia. Eu não considero grande estadista o homem que no governo do estado sabe melhor jogar com as paixões, com os vicios, com os interesses dos outros. E' preciso juntar a essas qualidades uma outra mais alta, uma outra mais nobre, sem a qual todas as restantes resultam mesquinhas: o amor da verdade, o amor da justiça, e com elle a larga orientação, a profunda tenacidade, a alta abnegação que posam fazer d'esse individuo um elemento de séria moralisação, de sério progresso, de sólida garantia do fim que se prosegue, que é o bem de cada um em harmonia com o bem de todos e o bem de todos em harmonia com o bem de cada um.

Onde temos nós tido esses jornalistas, esses oradores, esses advogados, esses estadistas, jornalistas, oradores, estadistas de alma e de cerebro? Homens de vista perspicaz, de pensamento alto, de largo horizonte? Em parte nenhuma. Tudo aquillo que nós chamamos grande é mesquinho. Histriones, comediantes, habilidosos, saltadores, e nada mais. Com laivos, um ou outro, de honradez e de talento. Mas mesquinhos todos.

Ora Dias Ferreira não fugiu a essa regra, a esse destino, que tem sido, e parece que será eternamente, o destino d'esta terra. Não foi nem um grande estadista, nem um grande orador, nem um grande jornalista, e nem ao menos um grande advogado. Fal-tava-lhe para tudo o dom supremo: a sinceridade. E a dôse de philosophia que eleva e faz brilhar essa sinceridade.

Sem verdade não ha genios. Não ha mesmo dirigentes. Precisa de verdade o pintor quando pinta o seu quadro, o estatuario quando faz a sua estatua, o orador quando faz o seu discurso, o jornalista quando faz o seu jornal. Sem esse cunho sagrado da verdade não ha obra d'arte nem obra de pensamento capaz de triumphar. Não ha artista, nem pensador, nem politico capaz de impressionar.

Dias Ferreira era honrado. Mas honrado n'este sentido: incapaz de comer os doces, de beber os vinhos e de roubar as pratas. Um copeiro de confiança. Se quizerem, um copeiro admiravel. Mas copeiro em todo o caso. Fóra de copeiro de confiança, de administrador probo, de caseiro honesto... não era nada. Em todo o caso, era aquillo. Hintze nem isso foi. Os outros nem isso são. Elle era aquillo. E um copeiro respeitoso, mas sem feito de laçao. Tinha essa vantagem sobre os outros. Que não são nada philosophicamente, que não são copeiros honestos, nem administradores de confiança. Que são laçaios, se não alguma coisa. E mais nada.

Dias Ferreira tinha essa virtude. As outras não as tinha. Não as podia ter. Não tinha convicções definitivas. Não tinha sinceridade. E quer o amigo a prova? Veja o convite feito pela familia para o enterro. O homem que toda a vida prégo emancipação e liberdade não entraria no reino dos céos se a familia não annunciase que tinha morrido com os... sacramentos da Egreja.

Isto é, esse homem nem dos filhos se fez acreditar. Porque d'outra fórma, nenhum dos filhos se atreveria, depois de morto, a desrespeita-lo.

Tão fracas eram as suas convicções! Tão frouxa era a sua sinceridade!

IMPRESSÕES

DO EXTRANGEIRO E IMPRESSÕES DE PORTUGAL

XXX

Se a má creação não é attributo exclusivo d'esta terra, se lá por fóra ha muito malcreado, tambem por lá ha muita coisa e muita creatura ridicula. Mas muita. Ha muita coisa boa, isso ha. Mas tambem ha muita coisa má. E o grande mal d'esta terra é copiar sempre o que é mau e não copiar nunca o que é bom.

«Porque em Paris assim, porque em Paris assado... porque em Paris faz-se assim, porque em Paris faz-se assado... Mas em Paris tambem ha muito tolo e muito asno, como cá.» D'este modo, conversando commigo, se exprimia, não ha muito, um velho intelligente, conhededor do mundo pela sua experiencia, pela leitura dos livros e pelas viagens.

«Geralmente o nosso compatriota, dizia-me o nosso ministro em França, o sr. conde de Sousa Rosa, avalia Paris pelo boulevard. Ora não ha maneira mais falsa de julgar esta grande cidade.»

Não ha duvida. E' uma grande verdade. Uma senhora das minhas relações, aliás muito intelligente, escrevia-me de Paris, onde eu ainda não tinha chegado, para outra cidade de França, contando-me horrores do que via nos boulevards. «Adoro a Suissa, mas confesso-lhe que me sinto mal, apezar das coisas admiraveis que vejo por aqui, n'este antro d'immoralidades.»

Não ha duvida, não ha duvida. O compatriota só vê o boulevard. Se é austero, fica indignado. Se é pandego, fica encantado. Mas austero ou pandego, geralmente não vê mais nada.

Conheço um moço, alumno de uma das escolas superiores do *paiz*, e tambem intelligente, que vae ha uns poucos d'annos *todos os annos* ao estrangeiro. N'outro dia perguntei-lhe: viu a universidade de tal? Viu este musen? Viu esta escola? Não tinha visto nada! Perdão: tinha visto todas as pernas bonitas de cantoras de café concerto. Tinha visto todos os centros e antros de grande pagode. Conhecia-lhes as figuras e os... segredos. E dizia-me, estendendo a beica cubicosa e saudosa: «Caramba, caramba, aquillo é que é!» Quasi que me deu vontade de lhe dizer, como o outro: *lamento os carambas*.

Em tempos que já lá vão conheci um coronel muito reinadio n'um dos regimentos da guarnição de Lisboa. Que grande pandego! Esse nunca tinha ido a Paris. Mas tinha para pernas de cantora de café concerto e *tutti quanti* um olfacto de tal ordem, que, mesmo de Lisboa, se o cheiro pôde atravessar, como creio, os Pyreneus, seria capaz d'exclamar, em relação ás petisqueiras de boulevard: «Aquillo é que é!»

Caramba, não. De carambas não gostava. Mas o caramba não é adjectivo admiratorio obrigatorio.

Parece-me que o estou a ver, de carapuço branco na cabeça, de avental branco ao pescoço, a cosinhar petiscos para a Mariâna.

Marianna era uma mundana celebre que morava junto do quartel. Mundana de cothurno. Tinha trem e cavallos... sem ironia. Ou com ironia tambem. Uma tenho eu a certeza que é verdadeira. Mas a outra deve-o ser tambem. O trem accomodava-se na parada do quartel. Os cavallos... sem ironia, nas cavallariças do regimento. Dos cavallos sem ironia devia saber o coronel e, provavelmente, o impedido tambem. Eu não, que nunca conheci o interior d'aquella casa. E se digo o impedido tambem é porque o coronel, não contente de guardar no quartel o trem e os cavallos da Marianna, não contente de trocar as insignias do mando pelo avental e o bonet branco de cosinheiro, para cosinhar petiscos para a Marianna, ainda fornecia... impedido a Marianna. Estava um soldado impedido no serviço da Marianna. Um soldado e varios alferes. Com a simples differença de que os alferes não os fornecia o coronel. Arranjava-os... a Marianna. Que assim arrelhiava enormemente o coronel.

Que pagode! Que pagode! De que massa são feitos n'este paiz os alferes das instituições! Porque posso garantir que o dicto coronel era considerado um dos mais solidos espeques das instituições... que felizmente nos regem.

Ora no regimento do coronel reinadio havia um capitão—por signal que tinha um olho castanho e outro azul—não menos reinadio que elle. Sério. Mas, em questões de serviço, muito impertinente. Um dia tanto apouquentou o coronel a secretaria com as *seringagens* do costume, que o coronel, meio irritado, voltou-lhe as costas e foi andando, dizendo: *Caramba... caramba...* O que, ouvido pelo capitão, fez com que este corresse atraz d'elle, chamando: *Meu coronel... meu coronel...* O coronel parou e voltou-se. Então o capitão, perfilando-se, levou a mão ao bonet, n'uma magestosa continencia, e disse com toda a gravidade: *Lamento os carambas!*

Ora sem continencia e sem gravidade eu estive quasi tentado a dizer o mesmo ao outro, que indo todos os annos ao estrangeiro não passa de conhecer e de admirar as... *Mariannas de lá*. Sem coronel, é de vér. Que coronel, pelo menos como o nosso e nas condições do nosso, não apanham ellas. Diga-se para gloria e satisfação das *Mariannas de cá*.

Mas... *aquillo é que é*. *Aquillo é que é*, dizem todos. E já o não dizem só os machos. Tambem o dizem as fêmeas. Estou a vér que toda esta colonia de verão, que pelo verão vae á estranja, não passa afinal, na sua quasi totalidade, d'uma colonia de prazer, uma colonia de pagodeiros, uma colonia de pandegos. Vão lá sómente para tirar a barriga de miserias. A barriga e o *bucho*, com licença, por esta unica vez, da pudicia nacional. Eu conheci um jornalista de certo renome, embora de provincia, de quem me disseram, uma vez que foi ao estrangeiro: «Coitado, elle estava a precisar d'aquillo. Foi tirar o *bucho*—é claro que bucho aqui não passa d'uma metaphora—foi tirar o bucho de miserias.» E eis porque o maroto do Civinini, que é italiano, e de Milão, embirrando tanto com as mulheres portuguezas não embirrou nada com os homens. Caso para as mulheres exultarem e os homens protestarem.

Aquillo é que é, dizem todos. Dizem-no machos. E dizem-no fêmeas. Imaginem o ensinamento que esta gente traz para Portugal. Não vêem outra coisa, salvas as honrosas excepções—siga a rhetorica—que ha em tudo. Não admiram outra coisa. Não cobiçam outra coisa. Não procuram imitar outra coisa. E assim eu vejo mulheres em Lisboa, d'aquellas a que convencionalmente se chama honestas, que não passam d'arrêmedos das mundanas de Paris. De Par...ris, como ellas dizem, arrastando o r. Bor...rdeaux. Parece que é *chic* arrastar o r. Mas para isso, diga-se a verdade, não é preciso

ir a Par...ris, nem passar por Bor...rdeaux. Basta ficar em Lisboa. E traduzir á letra, já que estamos falando em coisas da estranja, o symbolo macho de todo esse pagode que faz o encanto de machos e fêmeas na estranja.

Sim, senhores. Eu vejo mulheres, mulheres honestas, convencionalmente honestas, mulheres dictas e elegantes, ou que aspiram á elegancia, que nos seus trajos, nos seus modos, no seu andar, no seu olhar, na sua fala, na sua *pose*, nos seus meneios, me dão a exacta impressão, não das mulheres finas, verdadeiramente elegantes e distinctas que eu vi lá fóra, mas das mundanas de Paris. E não é natural? E'. A fêmea procura, procurará sempre antes de tudo, agra dar ao macho. Portanto, tal macho, tal fêmea. A fêmea vae, irá sempre, adeante dos gostos, das predilecções do macho. Ora que remedio, senão procurar egualar o modelo do... *aquillo é que é?* Que remedio, para ser a cobiça, para ser o encanto do macho?

Eu vi em França as admiraveis qualidades de economia e de trabalho das mulheres. Admiraveis! Eu vi em França que esse objecto feminino tão gabado dos boulevards não passa d'um objecto de luxo para uso publico de nacionaes, e, sobretudo, d'extrangeiros. A mulher franceza, na sua grande generalidade, não é nada aquillo. A mulher franceza, na sua grande generalidade, é simples, é economica, é extraordinariamente trabalhadora. Mas essa mulher não é a mulher apreciada, a mulher exaltada pela vadiagem e pela estupidez portugueza, que vae todos os annos refocillar ao estrangeiro. Nem dá por ella, a vadiagem. Passa por ella e não a vê. De venta no ar como o burro, só dá pela mulher do cancan, da vida airada, do prazer. Só traz para Portugal a noção, a exaltação d'essa mulher. E n'estas condições é claro que a mulher portugueza, desmoralizada, não passará d'uma imitação, e d'uma imitação inferior ao modelo, como todas as imitações, não da mulher franceza economica, trabalhadora, simples, mas da mulher franceza ociosa, dissoluta e vadia.

O mal é esse. Ha muita coisa má e muita coisa boa no estrangeiro. Infelizmente, nós imitamos o mau, em regra. Não imitamos o bom.

H. C.

MILITARISMO E PATRIOTISMO

D'um jornal francez tiramos o seguinte, relativamente á discussão travada no congresso de Stuttgart entre Bebel e Hervé:

Discurso de Bebel.—O grande orador allemão fala com um ardor sempre juvenil: constata primeiro os dissentimentos da seccão franceza sobre a questão do anti-militarismo. Acrescenta que as idéas de Hervé não são novas.

— Eu conheço-as, diz elle, Domela Nieuwenhuis proclama muito antes, e entre os systemas do primeiro e do segundo não ha senão uma differença: a belleza da fórma.

E depois este golpe directo a Hervé:

— Isto são, continúa, theorias absurdas que o povo allemão tem reprovado. E' patriota o homem que se esforça por melhorar a civilização do povo a que pertence por nascimento, pelos costumes, pela lingua, sem com isso prejudicar a nenhuma outro povo, trabalhando sem nenhuma vantagem pessoal, sem servir uma classe, no interesse de todos, sem excepção de ninguém.

As instituições dos diferentes povos têm o apanagio precioso que se deve conservar. Não é exacto que o proletariado não tenha interesse em ser dum pais mais que doutro, ainda que não fosse senão por causa da differença de lingua, de cultura e de raça. Vós dizeis que o proletario não tem patria: desconheceis uma verdade historica; todos os povos que têm uma historia, uma civilização, costumes e uma lingua, têm o direito de

desenvolver como um todo orgânico e de se governar livremente, e os proletarios amam a sua patria mesmo quando ali não gosem de todas as liberdades, porque ainda assim é lá que melhor podem dar medida exacta do seu desenvolvimento.

Póde-se sustentar que as situações dos diferentes povos se equivalem. Mas vêde o imperio austriaco em que cada povo reivindica a sua nacionalidade. A Alemanha, a Baviera, o Hesse vivem satisfeitos da sua autonomia. Na Russia, caso o tzarismo terminasse o seu dominio, cada nacionalidade voltaria a ser uma personalidade distincta. Seria insupportavel que os Francêses fossem governados em allemão por Allemães e os Allemães em francês por Francêses; e, se dissermos o contrario os nossos milhões de eleitores levantar-se-hão contra nós; se nós, Allemães, votassemos a moção de Hervé ou a de Vaillant (moção de Nancy) ámanhã seriamos levados aos tribunaes do Imperio e presos.

Vollmar.—Tem razão!

Vaillant.—Ha uma differença entre Hervé e nós, e Bebel interpreta mal a nossa resolução.

Bebel.—Póde-se objectar com a phrase do manifesto comunista sobre os proletarios que não têm patria. Mas Engels interpretou-a e corrigiu-a; é preciso que os proletarios conquistem uma patria legal. (Vivos aplausos nas bancadas allemães).

Bebel prosegue, declarando que a propaganda herveista vai contra o fim que os socialistas se propõem.

— A propaganda de Hervé, acrescenta, é um perigo para a paz internacional porque enfraquece o exercito francês; o estado-maior allemão olha-a com sympathia. Quando os militaristas allemães julgarem o exercito francês suficientemente enfraquecido, tratarão de dar-lhe o golpe final. O herveismo augmenta pois as probabilidades de guerra, em vez de as diminuir.

Deve concluir-se d'aqui que os socialistas allemães não querem fazer nada? Não! Nós não queremos a guerra; sempre fizemos tudo para a evitar; sempre, perante cada pedia d'augmento de crédito ou qualquer projecto de empreza colonial fizemos opposição.

Mesmo fóra do Reichstag, é preciso vêr a nossa acção. O general Ubert dizia que não é possivel fazer uma grande guerra sem o apoio dum movimento popular; é porisso que nós opomos a toda a acção militarista a força moral dos nossos tres milhões de eleitores; isto viu-se na questão de Marrocos, quando o governo impediu a reunião de Jaurés em Berlim.

Nós somos contra a guerra; procuramos estabelecer o systema de milicias. O general Moltke dizia que facilmente se dão armas, mas que se não retomam com a mesma facilidade. Isto é exacto. Nós votamos contra os orçamentos; nós opomos a força moral de tres milhões de homens ás emprezas belicosas do governo. Se reentasse um conflicto, mostraríamos que somos capazes de resistencia; mas se vós nos pedis para votar a moção Hervé ou o final da resolução de Nancy, a isso nos recusaremos.

O discurso de Bebel, muito aplaudido pela grande maioria dos delegados, causou entre um certo numero de delegados francêses surpresa ou indignação.

— E' escandaloso! exclama M. Landu, do Seine.

— E' vergonhoso! diz M. Brukére da mesma Federação.

— E' do nacionalismo pangermanico, diz M. Emmanuel Lévy, do Rhône.

RÉPLICA DE M. HERVÉ

M. Hervé responde:

— Eu não sei se o estado-maior de Berlim segue com attenção os nossos debates aqui; mas a França operaria e republicana terá ouvido com admiração e tristeza o discurso de Bebel.

Guesde.—Não! Bebel disse exactamente o que nós sempre dissemos.

Hervé.—O que Guesde diz não tem importancia pois que é da minoria.

M. Hervé explica em seguida que a sua campanha tem principio no momento em que estava prestes a re-

bentar um conflicto entre a França e a Alemanha por causa da questão marroquina.

— Neste momento, diz elle, temos exagerado as nossas palavras para atrair para ellas a attenção do publico mais particularmente do socialismo internacional. Felicito-me de ter alcançado bom exito; porque o numero dos meus adeptos augmenta de dia para dia. O patriotismo é um sentimento d'affecção exclusivo, desenvolvido em cada patria pela classe dirigente e que tem por effeito desenvolver a luta de classes e a exploração do homem pelo homem.

Desde que se é patriota confessa-se implicitamente que se ámanhã a patria fôr atacada se matará para a defender. Nós, socialistas, devemos proclamar-nos anti-patriotas e, em caso nenhum, um socialista consciente deve verter uma gota de sangue pela patria.

Sabemos tão bem como vós, Bebel, que ha algumas difficuldades de regimen; mas nós aproveitámos a lição que nos destes em Amsterdam; reconhecemos em todas as patrias as mesmas madrastras. Quizemos sempre por cima das fronteiras separar os lobos das ovelhas; gritámos: «A nossa patria é a nossa classe!» Gritamo-lo para Clemenceau e para o kaiser.

Em Amsterdam, vós nos dizeis, vós, Bebel, que a Republica não merecia que por ella arriscassemos a vida; hoje estais em contradicção com vós proprio, pois que defendeis a tradição patriótica. Eu, eu ataco a patria allemã como a patria franceza!

Quanto á distincção entre guerra offensiva e defensiva isso é pueril, quando se trata dum país europeu, e haja vistas a guerra de 1870 e a historia do despacho de Ems, conhecida seis annos tarde; vejamos ainda a guerra russo-japoneza. Em verdade, não se sabe nunca quem começa. Os povos estão de tal fórma envenenados de patriotismo e vós, Bebel, tendes tal medo de lutar contra esse envenenamento que vos deixaes ir todos na corrente.

A nossa these não era tão ridicula como se tem querido fazer, é mais socialista do que se pretende. Estas idéas têm obtido um successo que ousou chamar espantoso; porque nós conhecemos as nossas responsabilidades. Tenho podido dizer em toda a parte que no momento duma declaração de guerra os reservistas não marchariam; em Nancy uma sétima parte do congresso aprovou-me; faltou-me o apoio dos partidarios do Yonne para derrotar os delegados agrupados atraz de Guesde. Mesmo a moção de Guesde mostra o successo de nossas doutrinas, pois que nos acusa de desviar o proletariado da acção socialista.

De facto, o governo francês sabe que não póde contar com a massa operaria. Fazendo esta propaganda, camaradas allemães, confiávamos em vós, julgávamos que ieis marchar e nos competia dar o exemplo porque tínhamos tradição revolucionaria.

Dissestes em Amsterdam que foi o exercito prussiano quem fez a Republica e nós lhe seriamos reconhecido se fosse esse o seu fim. Mas entretanto, permiti-me que vos lembre, Bebel, que não foi o exercito prussiano quem venceu em Valmy, quem tomou a Bastilha, quem fez 1830 e 1848. Julgámos que o nosso exemplo seria proveitoso mostrando-vos o caminho a seguir, que vós não transformaríeis assim a formula de Marx: «Proletarios de todos os paises, masacrai-vos!»

Eu não me illudia vindo aqui, mas, ao mesmo tempo, a vossa placidez fez-me pasmar.

Gosto do povo allemão. Ha tres dias que estou aqui, tenho admirado as boas figuras cheias de bonhomia em que não achei senão um defeito—serem muito pacificas. Sois uma admiravel máchima a votar; mas não tendes nenhum espirito revolucionario; sois revolucionarios metafisicos.

Dissestes, Bebel, que se votasses a nossa moção seríeis preso; não fallastes desse modo em 1870. Fizestes deputados, reformistas, estais emburguezados.

Em Nancy apresentaram-me duas questões; eu faço agora a mesma coisa: «Se o governo francês, desarmado por nós, pedisse a arbitragem, e o es-

tado maior allemão a não acceitasse, o que faríeis? Se, depois duma victoria da revolução russa, o exercito prussiano invadissem a Polonia, que faríeis?»

Vós, allemães, ides a reboque de Bebel; do mesmo modo que na França, quando fala o papa Guesde, todos dizem: «Assim seja!», tambem na Alemanha, todo o mundo diz: «Amém!» quando fala o kaiser Bebel.

Tendes uma disciplina admiravel, mas é uma disciplina de mortos. Se não sois capazes de nos dar uma resposta energica, se, em caso de guerra, marchais para o matadouro como animais, então vejo que temos trabalhado para os mais retardatarios.

Vandervelde.—Para o rei da Russia!

Hervé.—Vós paralisais o nosso esforço. Dessa fórma é que tornaes a guerra possivel. Mas ficai sabendo que, se marchardes sob a bandeira do vosso kaiser, marchareis contra as communas insurreccionais sobre as quais fluctuará a bandeira vermelha.

E' com curiosidade primeiro, depois com sobresaltos ora de surpresa, ora de descontentamento, que o defensor da moção do Yonne é acolhido pelos delegados que, pouco a pouco, enchem a sala. Uns acham-no interessante, outros insupportavel.

— O vosso Hervé é um insolente, diz um delegado allemão a um assistente francês.

CARTA DA COSTA NOVA

19 de Setembro de 1907.

Fomos propheta. Agourámos uma boa festa e na verdade a Costa Nova poucas vezes tem sido theatro de festas eguaes. Não se póde dizer que fossem deslumbrantes, mas tambem não se póde negar que a rapaziada lhe imprimiu um brilho magnifico, salientando-se os variadissimos numeros do programma pelo entusiasmo que em tudo se manifestou.

Honra por isso aos seus promotores e nossos amigos Nephaly Reis, Carlos Morgado, Aparicio Miranda, Arthur Rasoilo e Campos Vaz, pois não só trabalharam como bons jornalheiros, como dirigiram acertadamente todos os serviços a seu encargo. De todos os numeros do programma, o que mais se salientou, foi sem duvida o das corridas de natação e batalha de flores.

Para esta foram ornamentadas grande numero de bateiras, botes e caçadeiras, salientando-se entre todas as das familias Costa, Taveira, Ignacio Cunha, Simões Ratolla, João Alleluia, etc.

Algumas d'ellas, recamadas de flores, balões, chapéus e cobertas, semelhavam bonitos chalets e caprichosos pavilhões. Decorreu muito bem e muito animada.

A corrida de barcos não o esteve menos, venceu na primeira corrida, 1.º premio, a bateira *Ligeira*, tripulada por Arthur Rasoilo, Carlos Morgado e timoneada pela sr.ª D. Amelia Cunha.

A segunda, caçadeira *Gavina*, foi ganha pelos srs. Almir Martins e Silva, sendo timoneiro João Santhiogo.

A terceira, a caçadeira *Esperança*, tripulada pelas sr.ªs D. Regina Miranda e D. Maria Miranda, tendo por timoneiro José Peixe.

A quarta, *Randans*, a de mais entusiasmo, foi ganha por uma remada pelo *Randam Sophia* dos srs. Carlos Meunonça e Manuel Sacramento, tendo por timoneiro José Sacramento.

A quinta corrida, moliceiros á vara, foi ganha por duas mulheres da Gafanha, que se houveram com verdadeira moestria e coragem no meio da hylaridade de todos.

A de natação, muito boa tambem, ganhando o 1.º premio Antonio Maia, o 2.º José Guerra e o 3.º Manuel Camarão.

A corrida de bicycletes ficou addida para ulterior resolução em virtude de diversos incidentes que se levantaram. Consta que na repetição das provas venha assistir a conceituada phylharmonica da Vista Alegre.

A illuminação, á noite, esteve distincta, prestando-se a noite muito bem a isso, e o fogo tambem nada deixou a desejar.

Emfim, tivemos uma boa festa, magnifica mesmo, e fazemos votos para que ellas se repitam muitas vezes a ver se a Costa se arranca do marasmo em que tem jazido.

E viva a rapaziada.

— As festas á Seuhora da Saude promettem ser este anno d'um brilho sem precedentes. Para isso já estão feitas grandes encomendas de fogo e aprestos para ornamentação e illuminação, bem como se acham justas algumas bandas de musica. O seu dia é o primitivo.

Fallaremos d'ellas opportunamente.

CUNHA ROCHA.

TRENS DE ALUGUER

DE LUTHARIO HOMEM CHRISTO

Com cocheira provisoriamente á ponte da Dobadoira, com frente para o lado do caes, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES
DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.
Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Lettura*—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—18.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
Gula prático e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Critica. 500

Do mesmo auctor :

LITTERATURA

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
 Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
 Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como : ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE **Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás sainhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou da trespassa o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou que aquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO **ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

POVO DE AVEIRO

TYPOGRAPHIA

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principais fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Clumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETTES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.